

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
9 de Dezembro de 2024
CHRIS MARKER – MEMÓRIA DAS IMAGENS (parte II)

DÉTOUR CEAUCEASCU / 1990

Imagem (vídeo, cor e preto & branco): imagens de arquivo / *Música, montagem e som:* não identificados

Produção: Slon / *Cópia:* digital (transcrito do original em vídeo), versão original com legendagem eletrônica em português / *Duração:* 8 minutos / *Estreia mundial:* data não identificada / *Estreia em Portugal:* data não identificada / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

BERLINER BALLADE / 1990

Imagem (vídeo, cor e preto & branco): Chris Marker / *Música, montagem e som:* não identificados / *Com as presenças de:* Jutta Braband, Stephen Hermelin, Wolf Bierman

Produção: France-2 / *Cópia:* digital (transcrito do original em vídeo), versão original com legendagem eletrônica em português / *Duração:* 29 minutos / *Estreia mundial:* 7 de Dezembro de 1995, na Holanda / *Estreia em Portugal:* data não identificada / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

BERLIN 90 / 1990

Argumento, imagem (vídeo, cor e preto & branco) e montagem: Chris Marker / *Música e som:* não identificados

Produção: Antenne-2 / *Cópia:* digital (transcrito do original em vídeo), versão original com legendagem eletrônica em português / *Duração:* 20 minutos / *Estreia mundial:* Japão na televisão, 1990 / *Estreia em Portugal:* data não identificada / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Duração total da sessão: 57 minutos

Aviso: LE REGARD DU BOURREAU, previsto para ser incluído nesta sessão, não será apresentado. Pelo facto as nossas desculpas.

Em 1990 Chris Marker aderiu ao que então se chamava de *novas tecnologias*, o que no seu caso correspondeu à passagem do trabalho em película ao vídeo. A tentação era inevitável e irresistível, mesmo para um formalista como Marker, de aderir a um suporte muitíssimo mais leve e barato do que a película, com câmaras pequenas, fáceis de transportar para quase qualquer lugar. O que quase ninguém viu à época, por incrível que pareça, foi a mediocridade da imagem em vídeo, com um “grão” hediondo, em forma de riscas horizontais, fraca definição (quanto menos próximo o plano maior o grau de indefinição, as paisagens transformam-se em borrões) e cores falseadas, além de ser de todos os suportes para a imagem em movimento o mais frágil, o que mais se degrada e mais esmaece com a passagem do tempo (sobrevivem muitíssimos filmes dos irmãos Lumière feitos por volta de 1895, com excelente qualidade de imagem, ao passo que muitos vídeos feitos cem anos depois têm a imagem degradada ao limite máximo pelo passar do tempo, como se pode constatar nesta sessão.

No ano anterior à adesão de Chris Marker ao vídeo sobreveio um terramoto político pelo qual absolutamente ninguém estava à espera, numa mudança histórica: a súbita e pacífica (exceto na Roménia) queda dos regimes comunistas da Europa, desencadeada pelo súbito afluxo de cidadãos da Alemanha do Leste às embaixadas da Alemanha Ocidental dos “países irmãos” onde se encontravam em férias de verão e às quais pediam o passaporte a que tinham direito por lei, o que teve um efeito dominó imediato. Se todos os observadores ficaram perplexos com a rapidez da queda de um sistema

que parecia inabalável, os militantes de esquerda ficaram um tanto atônitos e perplexos, sem saber o que pensar e a que atribuir exatamente os acontecimentos. Este programa reúne três exemplos do trabalho de Chris Marker em vídeo, todos realizados à volta da queda do comunismo na Europa.

Détour Ceaucescu (a palavra *desvio* no título é um tanto misteriosa: desvio da maneira como a televisão mostrou o expeditivo processo do ditador?) é feito apenas com material de arquivo. O grau de repressão, paranoia e culto da personalidade do regime romeno tinham chegado a um tal nível que um desenlace sangrento para o percurso de Nicolae e Elena Ceaucescu parecia e foi inevitável: era preciso matar o monstro para virar a página, o que não foi o caso nos demais países dos Balcãs e da Europa Central. Embora Marker talvez estivesse um tanto revoltado ao ver um chefe político, sobretudo alguém associado às utopias leninistas, sumariamente julgado e executado (não será por acaso que, naquilo que só pode ser definido como uma intervenção na matéria-prima do filme, ele cortou as imagens da execução, que foram mostradas por todas as televisões do mundo no dia 25 de Dezembro de 1989), o tema central do seu filme é a crítica à frivolidade com a qual a televisão transmitiu o acontecimento, como transmite o que quer que seja: o julgamento de um chefe de Estado e da sua mulher e a sua execução, a prova material de que o pesadelo chegara ao fim. Marker insere bruscamente, como pequenas bofetadas, trechos de publicidades *glossy*, que contrastam com as frágeis imagens a preto e branco do processo, mas cuja presença vem sublinhar um dos aspectos mais terríveis da televisão: tudo é banalizado, tudo é nivelado e, ainda que a transmissão do processo não tenha sido interrompida por publicidades, como especifica a locutora, Marker aponta o dedo para a similaridade de enfoques para vender um champô e mostrar a todos algo que normalmente se passa ao abrigo dos olhares. Não por acaso, um letreiro surge várias vezes durante o genérico de início, indicando: *Isto não é televisão*, ou seja, numa sala de cinema vê-se de outra maneira e também se mostra de outra maneira.

Os dois filmes que completam o programa centram-se à volta da já ex-Alemanha do Leste. Para **Berliner Ballade** Marker foi enviado pelo canal de televisão France-2 para cobrir as primeiras eleições livres na ex-parcela comunista da Alemanha, que terminou com a vitória dos conservadores do Partido Cristão-Democrata, para decepção de muitos. O título talvez seja uma alusão cinéfila a um filme alemão epónimo de 1948, em que um homem tenta reconstruir a sua vida após a guerra, mas em francês a palavra *ballade* evoca um passeio sem rumo definido e Marker, de facto, erra por Berlim, talvez tão desorientado quanto muitos dos seus habitantes (*“o socialismo, tal como o defendemos, está no fim”*, constata um intelectual entrevistado). Lá está o inevitável muro, monstruosidade erigida numa noite pelo regime comunista e que durante trinta anos foi o emblema da cidade. E lá está a comercialização do muro demolido, a venda de fragmentos da celebérrima peça de alvenaria, numa mistura de comércio (com a sua inevitável dose de aldrabice) e fetichismo. Mas Marker não se fica pela Berlim do incerto presente, acrescenta ao seu filme imagens e sons do passado (Hitler, Zarah Leander), antes de chegar à nada divina surpresa da vitória dos conservadores. **Berlin 90** pode ser visto como um complemento a **Berliner Ballade**, com o qual forma um díptico. Trata-se de um filme mais livre, na medida em que não se limita a um tema específico, é um apanhado de uma cidade às vésperas de uma enorme transformação - por isso a sua data de realização vem contida no título - que se refletirá na Europa e no resto do mundo.

Antonio Rodrigues